

DEBATES PÚBLICOS E HISTÓRIA POLÍTICA DO CIBERFEMINISMO: RADFEMS VERSUS TRANSFEMINISTAS¹

Lúcia Soares²

RESUMO

A história política recente que atravessa o campo do ciberfeminismo, tem nos mostrado o acirramento entre ativistas de grupos radfems/terfs em relação a mulheres transexuais e travestis. Esta pesquisa pretende problematizar os ataques e perseguições produzidos por meio do “confronto virtual” deflagrado em redes sociais. Para tanto, é imprescindível analisar o discurso moral sob a premissa da biologização do corpo sustentado pelas feministas radicais. Também será analisado o discurso das mulheres trans, suas reflexões críticas e contribuições ao movimento feminista, para em seguida pensar como esse embate se insere no âmbito dos debates públicos.

Palavras-chave: ciberfeminismo; radfems; mulheres trans; movimento feminista; debates públicos

Esta apresentação se propõe a apresentar as problematizações que orbitam a pesquisa de estágio de Pós-doutorado no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF), intitulado “Debates Públicos na História Recente dos Movimentos Feministas: Acirramentos e Distensões entre Radfems e Mulheres trans nos Ciberfeminismos”. Nos últimos três anos tenho realizado o mapeamento na Internet de grupos, coletivos e ativistas feministas no qual se explicita a tensão e confronto virtual por parte das feministas radicais (*radfem/terf*), e das mulheres transexuais e travestis (transfeministas). Nas principais plataformas digitais como Youtube, Instagram, Facebook e Twitter encontramos canais, perfis pessoais, blogs, *fanpages* e *flowpages* que produzem, incitam e suscitam denúncias, reivindicações, opiniões, discriminações, estigmas, preconceitos, retroalimentando discursos e narrativas autobiográficas acirradas.

A pesquisa em andamento está balizada na oralidade no sentido amplo, trabalhando com os pilares da História Oral para interpretar e analisar as narrativas autobiográficas como fonte de investigação e método de pesquisa “parece estar

¹ "Trabalho apresentado no Simpósio Temático [informar nome do Simpósio Temático] durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo Mundo"

² Lúcia Soares é Socióloga, Pesquisadora e Docente. Atualmente faz estágio de Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF). Contato: profa.luciasoarez@gmail.com

plenamente consagrado como recurso valioso para variados estudos sobre vidas, sobre grupos sociais, sobre o presente” (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2013, p. 10).

O cerne é: *quem é mulher? O que é ser mulher?*

O ciberfeminismo pode ser demarcado como uma afirmação do movimento feminista que atua, discute, se organiza em múltiplas frentes nas redes sociais, com pautas feministas distintas, aglutinam especificidades individuais e coletivas, redimensionando a discussão política própria dos feminismos com suas vertentes, teorias e práticas, entrelaçam os discursos e narrativas com a vida cotidiana (ALBU, 2017).

O uso de Blogs, sites, páginas e perfis nas redes sociais, passou a ser algo inerente a organização da pauta dos movimentos feministas e, também de outros movimentos sociais, articulados através da web. Assim como o Ciberfeminismo utópico iniciado na Oceania, o uso das redes e mídias sociais no Brasil, passou também a ser uma ferramenta para diminuir distâncias, encontrando assim as diversas demandas políticas, sociais e culturais (DUTRA, 2018, p. 23-24).

Na esfera do ciberfeminismo, as mulheres aliaram as novas tecnologias às suas articulações políticas para se comunicar e atuar no visível e no virtual, não dissociando o feminismo do ciberespaço.

Nas redes sociais, ao mesmo tempo em que feministas denunciam violências, como o assassinato de mulheres, racismos, desigualdade sociais etc., também exaltam suas lutas e conquistas. Neste momento, algumas demandas vão ao encontro do discurso sobre “uma nova mulher”, na qual se incorporam questões específicas de grupos sexuais minoritários, sejam mulheres lésbicas, bissexuais, transexuais e travestis, com intersecções étnico-raciais, classe social, PcD, orientação sexual, identidade de gênero, religiosidade, entre outros. Os grupos sexuais minoritários se constituem como “(...) sujeitos demarcados por identidades sexuais e de gênero que se associam às identidades jurídicas e políticas e tornam-se não só mapeáveis como fagocitados pelos chamados direitos de minorias” (SOUZA, 2016, p. 12).

Entretanto, o redimensionamento das vertentes feministas com suas especificidades, mostra uma distensão à entre dois segmentos, as feministas radicais – radfem, e as feministas trans – transexuais e travestis. Esta polarização pode ser observada nos blogs, sites e perfis *WDI Brasil (Womens Declaration International)*, *QG Feminista*, *Transfeminismo*, *Rede Transvestis UFFianas*, *Rede de Estudantes Trans e Travestis Organizadas da UERJ*, *Antra Oficial* e *Monstruosas*. E também em perfis no

Instagram e *flowpages* como *Bixa Loba (Ana Mogli Saura)*, *Bibliotrava (Angie Barbosa)* e *Agatha Nascimento*.

É na vertente feminista designada por “feminismo radical”, se posiciona como o bastião do movimento feminista, procuram asseverar o que consideram a raiz e essência do feminismo, na qual incide somente mulheres portadoras do aparelho reprodutor feminino, ou como elas denominam *fêmeas humanas*.

(...) a biologia é prioritariamente a mesma independente de onde se está: em qualquer lugar do mundo a sociedade é composta por fêmeas e machos. Sexo biológico é um dado material. (...) Sexo é o nome dado à nossa anatomia reprodutiva; seres humanos são fêmeas ou machos — inclusive os/as intersexuais. É uma característica inata e imutável: não se “desconstrói” ou se redefine um par de cromossomos e a anatomia proveniente deles; faz parte da materialidade dos corpos, e talvez se não fosse a sociedade patriarcal não seria definidor da experiência pessoal de homens e mulheres e de toda a categoria política de sua classe sexual.³

Pode-se observar que para as radfems, a socialização das mulheres está vinculada ao contexto biológico, e é definido na gravidez, quando os pais ou mães tomam conhecimento do sexo da criança que supostamente definirá quem ela é, de onde veio e como será sua vida.

Neste caso, se for menina, todo um arcabouço de padrões socioculturais será ativado para regular seu comportamento de acordo com o papel social que se espera das mulheres. Para as feministas radicais a dominação sobre as mulheres começa a partir dos aparelhos reprodutivos e da sua capacidade de reprodução. Portanto, um homem, uma “mulher com pênis”, uma transexual ou travesti, não compreenderia o que elas sublinham como a “complexidade do sexismo” que recai sobre as “verdadeiras mulheres”.

A organização internacional Woman’s Declaration Internacional (WDI-Brasil) no intuito de reafirmar os direitos das mulheres reitera o discurso biológico para contestar a “identidade de gênero” que, permite homens se declarar como mulheres usurpando seus direitos, políticas e práticas femininas próprias da “categoria das mulheres”. Em seu blog divulgam a “Campanha pelos Direitos Humanos das Mulheres Baseados no Sexo”.

Artigo 1

Os direitos das mulheres têm como base o sexo

Os corpos das mulheres são diferentes dos corpos dos homens e o que nos diferencia é o sexo biológico. A estrutura social de dominância masculina sobre as mulheres se dá justamente pelo potencial reprodutivo do sexo

³ Fúria, R. “Por que identidade de gênero é um conceito antifeminista?” In: QG Feminista. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/por-que-identidade-de-g%C3%AAnero-%C3%A9-um-conceito-antifeminista-606a1891870b> Acesso: 07 mai. 2023.

feminino. Assim, para se combater a discriminação e violência que historicamente as mulheres têm sofrido, é imprescindível definir em lei que mulher é um ser humano do sexo feminino.

Artigo 2

A maternidade é um estado possível somente a mulheres, e isso se dá em razão do seu sexo.

Todos os direitos e serviços destinados às mulheres mães são fundamentados na capacidade única que elas possuem de gerar outros seres humanos. A inclusão de pessoas do sexo masculino no conceito de mãe coloca em risco a segurança das mulheres e suas crianças, já que historicamente os homens utilizam de violência para se manterem como classe dominante. Homens e mulheres possuem papéis muito distintos na reprodução, de forma que as mulheres devem ser protegidas da violência masculina (WDI-Brasil)⁴.

A partir desse discurso não há espaço possível no movimento feminista para o transfeminismo. Ao afirmarem a crítica às teorias de gênero as radfems rechaçam os *queer* “(...) conceito autodefinido para designar pessoas não-heterossexuais e/ou pessoas fora do código binário de gênero” (Souza, 2016, p. 9) —, defendem que cada grupo se “auto-organize” com suas pautas de reivindicações e “protagonismos”, rejeitam a “autodeclaração de gênero”.

Quando são acusadas de transfobia, as radfem se sentem acuadas e revidam com queixas a outros segmentos feministas, que as rotulam como transfóbicas e *terf* – trans-excludente. *Terf* é a abreviação de *trans-exclusionary radical feminist*, feministas radicais que não aceitam em hipótese nenhuma, a possibilidade de transexuais e travestis serem consideradas mulheres, mesmo as que fizeram operação de redesignação sexual e passaram pelo processo de hormonização.

Desde Abril de 2023, em seu perfil no Instagram, o Coletivo QG Feminista lançou relatos de perseguições a feministas radicais universitárias. Segundo elas, expor as histórias de violências e linguagem androcentrada serve para convocar a mobilização dentro e fora das universidades. Especificamente no dia 17 de abril, realizaram uma *live* para dar voz a feministas radicais, assim como denunciar o “caso da tentativa de suicídio de uma jovem lésbica, feminista radical, e estudante de biologia da USP, devido a assédio e perseguições de colegas justamente por ela ser feminista radical”⁵. Leia trecho de Aleta Valenta:

(...) Te leva ao ponto da loucura. E as pessoas que estão próxima a você, ainda vêm com aquela coisa, assim: “ah não, acho que você errou no que você falou... mas você não merece isso...”

⁴ “Declaração dos Direitos das Mulheres Fundados Sobre o Sexo”. In: Blog WDI-Brasil. Disponível em: <https://womensdeclaration.com/documents/5/Portugues.pdf> Acesso: 07 mai. 2023.

⁵ “Eu peço coragem mulheres, coragem!” In: QG Feminista. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CrgJOyiAvU6/>

Ou seja, p#rra nenhuma! Não erreí m#rda nenhuma! Entendeu! Não erreí em nada, eu denunciei uma violência de uma pessoa do sexo masculino, não importa como a pessoa se identifica.

Se eu não puder dizer que é um homem eu perco a capacidade de nomear a violência masculina que é toda a forma de estratégia de controle. Há 5000 anos de violência masculina. E agora eu não posso nomear? Pra onde que isso vai?

Então fica aqui minha revolta mesmo, que seja a última, né... que seja o último caso, pelo amor de Deus, podia ser minha filha, podia ser minha filha, podia ser minha filha realmente.

Então assim... Eu peço coragem mulheres, coragem!

Por que as transexuais e travestis incomodam tanto as feministas radicais a ponto de serem escamoteadas? As mulheres trans e travestis são pervertidas sexuais e extravagantes, por isso não podem ser mulher? O que e quem determina quem é e quem não é mulher? Há uma fixação política de acossamento em relação às mulheres trans.

Enquanto as travestis e mulheres trans estavam segregadas nos guetos, em quadriláteros marginais, jogadas em avenidas lúgubres eram inofensivas. As pessoas ditas normais as consideravam “seres abjetos” que sabiam o seu devido lugar na sociedade. Caso ousassem escapar da sua sina, a polícia vinha e batia, torturava e prendia, reprimia a “desordem” para reestabelecer a ordem moral e os bons costumes.

No entanto, quando saíram dos guetos e periferias para transitar em outros espaços — principalmente à luz do dia — circulando por ambientes outrora referidos às pessoas normais — como escolas, universidades, hospitais, transporte público, parques, cinemas, supermercados, igrejas, banheiros femininos; quando conquistam o direito de usar o nome social em seus documentos, de serem operadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para realizar a transgenitalização, ou seja, a cirurgia de readequação genital, ao se afirmarem como mulheres, tornam-se insuportáveis aos olhos dos cidadãos de bem, pais e mães de família e para as radfem em sua cruzada em defesa das verdadeiras mulheres.

O perfil do Instagram intitulado “Feminista Indignada”, convoca “as verdadeiras mulheres” a se indignarem e rechaçarem mulheres trans, ao afirmar que elas são misóginas, pornográficas e destilam ódio.

Resolvi seguir o conselho dos transativistas e fui ouvir e ler o que ‘mulheres’ trans andam dizendo por aí. Resultado: virei feminista radical.

Quem é feminista radical muito provavelmente já ouviu de um transativista: “ouça mulheres trans!” Eu acho curiosa essa presunção de que nós somos críticas do transativismo porque não ouvimos “mulheres” trans o suficiente. Não posso falar por todas, mas no meu caso, foi depois de ouvir muito o que “mulheres” trans têm a dizer, que eu me tornei feminista radical.

Mas tudo bem. Se querem tanto que ouçamos “mulheres” trans... vamos ouvir, ou melhor, ler, o que “elas” andam escrevendo por aí: “bem, eu já disse antes, mas vocês não gostam: uma pessoa que assume, ou é presumida a assumir um papel passivo no s3x0 e/ou um papel reprodutivo na vida econômica.” – Grace Lavery, dando sua definição de ‘mulher’.

Não consigo nem imaginar o porquê de não gostarmos dessa definição de mulher.

“No centro do pornô sissy” está o ku, um tipo de v4g1n4 universal pela qual a feminilidade pode sempre ser acessada. [...] Ser f0d1d0 te transforma numa fêmea, porque f0d1d4 é o que uma fêmea é.” – Andrea Long Chu, no livro ‘Females’.*

**Sissy é um termo pejorativo para homens e meninos considerados “afeminados”, é comumente traduzido como m4r1c4, mas no contexto em questão, de degradação p0rn0gr4f1c4, o termo pode ser entendido como “mulherzinha”. Sabem aquela frase dita pelo brasileiro médio quando um estupr4d0r vai preso? “Na cadeia ele vai virar mulherzinha”. Pois é. O sentido de “sissy” aqui é esse.*

Tem muito mais m3rd4 misógina sendo dita por aí, mas vou parar por aqui.

Eu ouço “mulheres” trans. Eu leio o que “mulheres” trans escrevem. Eu vejo a misoginia, a fetichização, o ódio. E eu rejeito tudo isso. E se rejeitar tudo isso é “transfobia”, então, paciência. Isso diz mais sobre o transativismo do que sobre mim.

As feministas radicais querem se legitimar a partir do argumento dos espaços demarcados e exclusivo das mulheres na sociedade. Para elas, os chamados “espaços exclusivos” não são uma reivindicação do feminismo radical, mas o princípio de luta política de qualquer movimento social, no entanto, cada qual no seu quadrado, com seu protagonismo e pautas embaixo do braço ou na ponta da língua, seja identitário, étnico-racial, orientação sexual, religioso, geracional etc. e etc.

As feministas radicais querem se legitimar a partir do argumento dos espaços demarcados e exclusivo das mulheres na sociedade. Para elas, os chamados “espaços exclusivos” não são uma reivindicação do feminismo radical, mas o princípio de luta política de qualquer movimento social, no entanto, cada qual no seu quadrado, com seu protagonismo e pautas embaixo do braço ou na ponta da língua, seja identitário, étnico-racial, orientação sexual, religioso, geracional etc. e etc.

Entretanto, não contavam com a resistência e ação das estudantes universitárias trans e travestis, como a REDETRANSUERJ⁶ que rapidamente se mobilizou contra as violências e discursos de ódio perpetradas por radfems e fascistas. No perfil do Instagram questionam:

Como a UERJ está se mobilizando para nos proteger?

Precisamos de organização e respostas de prevenção em relação às ameaças e casos de violência no Rio de Janeiro. Recentemente, uma assustadora onda de ataques e ameaças contra escolas está acontecendo em todo o país. Ameaças contra escolas e universidades do Rio de Janeiro estão circulando virtualmente e aparecendo em banheiros mensagens privadas de estudantes (discursos de ódio). Isso configura um assunto de extrema urgência para a nossa segurança enquanto comunidade acadêmica.

⁶ Rede de Estudantes Trans e Travestis Organizadas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Nas universidades podemos encontrar a potência individual de universitárias trans, travestis e pessoas não binárias, que mesmo atuando em redes e coletivos, mantêm perfis, páginas e canais onde compartilham ideias, transmitem “dicas” e questionamentos. A inquietação de Angie Barbosa estudante de Psicologia na UERJ e militante da RedeTransUERJ é explicitada em sua apresentação no seu perfil do Instagram @Bibliotrava: “Travesti doida. Curso p(cis)cologia e estudo no Japeri. Professora no PreparaNEM. Anarca”. Ou em sua *Flowpage*: “Travesti. Transfeminista. Estudante de P(cis)cologia. Doida.” Angie e sua amiga Dani Silva organizaram e escreveram o guia “Autodefesa de Bonecas” que foi divulgado da seguinte forma em seu perfil do Instagram em 3 de junho de 2022:

SE LIGA AQUI BONECA:

A gente merece defesa. E esse mundo não ensina isso pra gente. Eu e meu amorção @wolotov juntamos materiais de várias fontes e guias, traduzimos, adaptamos, e escrevemos esse guia de autodefesa pra minas trans, travestis e transfeministas. Autodefesa de Bonecas tá disponível pra download y circulação na minha bio. Manda pras meninas que você gosta. Usa. Treina. E vamos alimentar nossas fantasias de violência afeminada.

Na Universidade Federal Fluminense (UFF) temos outro coletivo universitário inquieto, a Rede Transvestis UFFianas (REDE.TRANS_UFF), que se articulam no combate diário para extinção das violências no meio acadêmico. Numa publicação no perfil do Instagram provocam:

Se mobilizar e agir é da ordem do dia!

É inadiável se articular enquanto coletividade trans, criar uma teia que sirva de rede de apoio e luta para combater as violências transfóbicas no interior da UFF. Esse é o principal objetivo da Rede Transvestis UFFianas.

Convidamos você, mina, mona, bofe para somar entrando no nosso grupo de ZAP. Só mandar um alô por aqui!.

No Instituto de História da UFF a estudante e residente pedagógica Agatha do Nascimento, narra em seu perfil no Instagram e Canal no Youtube o seu dia a dia como estudante, registra suas mudanças corporais em decorrência do processo de transição, dos riscos dos procedimentos da hormonização, assim como fazer a mudança de nome e de gênero etc. Ao se pronunciar sobre o projeto “Residência Pedagógica em História”, em março de 2023, Agatha se manifestou da seguinte forma:

Oi pessoal, tudo bem? Muito prazer, meu nome é Agatha, tenho 22 anos, sou Professora de História em formação pela Universidade Federal Fluminense. Participo do projeto de Residência Pedagógica e principalmete, sou uma mulher trans.

Bom, a minha formação está tendo mais sentido do que nunca para mim hoje em dia, justamente enquanto passo pelo começo da minha transição.

Eu me permiti amadurecer a minha identidade de gênero, enquanto tive uma experiência incrível de estágio, em uma escola que era muito acolhedora não apenas para jovens LGBTQIA+ em âmbito geral.

Mas tratava de forma muito clara muitas questões de gênero e questões raciais, criando um ambiente que muitos alunos consideravam de fato como seguros. Bom, ambiente é esse muito diferente da minha própria vivência escolar.

Isso não apenas me permitiu amadurecer minha identidade de gênero, mas me deu o propósito sentido na minha profissão. Poder atuar não apenas como um exemplo, mas como um elemento ativo para construir cada vez mais espaços como esse e propiciar uma experiência tão maravilhosa de aprendizado à muitas outras crianças e jovens.

Além disso, eu luto diariamente para expandir cada vez mais o conceito de mulher, para além do cis hétero branco normativo. (...).

No que se refere às transfeministas, elas estão atentas às suas particularidades, história e papéis sociais, reivindicando a inserção e o espaço de pessoas transgêneros. Refletem como as mulheres transexuais e travestis, não são tratadas como as mulheres cisgênero, consideradas “mulheres de verdade”. Em suas discussões ressaltam a necessidade de reconhecimento das transexuais e das travestis como mulheres (Transfeminismo, 2020).

Observemos o posicionamento de Hailey Kaas, escritora, pesquisadora e transfeminista, atualmente é diretora do Centro de Pesquisa Transfeminista. Kass é considerada uma das primeiras mulheres trans a inserir discussões acerca do transfeminismo no Brasil.

Em março de 2023, Hailey Kass se pronunciou no Instagram sobre sua cirurgia e afirmou sua trajetória pessoal de luta.

Desde que me assumi trans, há mais de 10 anos, tenho lutado pela causa trans. Sempre apliquei o conhecimento que adquiri sobre questões trans a mim mesma, reavaliando meus sentimentos em relação ao meu corpo e minha trajetória.

Prezando pela minha saúde mental decidi realizar a cirurgia de confirmação de gênero.

Infelizmente a fila de espera do SUS é gigantesca e o valor cobrado pelo setor privado é altíssimo, por isso criei essa Vakinha.

Me ajuda a bater essa meta? =).

Há muito tempo as transfeministas entenderam a utilidade do movimento feminista por ir ao encontro do poder das mulheres no âmbito político. No entanto, foram repelidas pelas radfem e feministas tradicionais conservadoras. Se a princípio não foram bem quistas no interior do movimento feminista, produziram uma série de críticas e reflexões sobre as vertentes, teorias e conceitos sobre os feminismos.

Todavia, receberam contribuições das feministas negras, que acenaram com a noção de interseccionalidade, numa oposição à concepção de “mulher universal”, que figuraria entre as feministas tradicionais conservadoras: a mulher branca, heterossexual e

de classe média. A ideia de uma “mulher universal” que represente todas as mulheres, se esvai, na maioria das vezes, diante das especificidades e reivindicações fragmentadas de mulheres feministas que buscam políticas públicas e denunciam os machismos em todas as esferas, inclusive o machismo incrustado no movimento LGBTQI+.

Referências Bibliográficas

AGATHA ARÊAS. **Residência Pedagógica**. Niterói, 13 mar. 2023. Instagram: @agatha.areas. Disponível em: <https://www.instagram.com/agatha.areas/> Acesso: 29 mai. 2023.

ALBU, D. **Ciberfeminismo no Brasil: construindo identidades dentro dos limites da rede**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em: file:///C:/Users/DELL/Desktop/backup/Desktop/backup/Documents/LUCIA%20DOCUMENTOS/P%C3%93S-DOC%20LABHOI-UFF/1499481800_ARQUIVO_Modelo_Texto_completo_MM_FG_DEBORAALBU%20-%20ciberfeminismo.pdf Acesso: 06 jun. 2023.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA); BENEVIDES, B.G. **Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras**. Disponível: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023-web.pdf> Acesso: 05 mai. 2023.

BIBLIOTECA FEMINISTA. **Radical não é Terf (Sobre Feminismo Radical e as Alcinhas Misóginas de “Terf” e “Transfobia”)**. Disponível em: <https://abibliotecafeminista.wordpress.com/vertentes/feminismo-radical/> Acesso: 05 mai. 2023.

BIBLIOTRAVA. **Autodefesa de Bonecas: um guia para mulheres trans, travestis e nbs transfemininas**. Rio de Janeiro, 3 jun. 2022. Instagram: @bibliotrava. Disponível em: <https://www.instagram.com/bibliotrava/> Acesso: 30 mai. 2023.

BIXA LOBA. **Ana Mogli Saura. Rastros Cartográficos de um Nomadismo Existencial**. São Paulo, 23 dez. 2022. Instagram: @bixa_loba. Disponível em: https://www.instagram.com/bixa_loba/ Acesso: 30 mai. 2023.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 19ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

DUARTE, Z.A.P. **A Primavera das Mulheres: ciberfeminismo e os movimentos feministas**. Revista Feminismo, vol.6, N.2, Mai. – Ago. 2018.

www.feminismos.neim.ufba.br Acesso: 05 mai. 2023.

FEMINISTA INDIGNADA. “**Ouçam as Mulheres Trans!**”. Brasil, 1abri.2022. Instagram: @feminista.indignada. Disponível em: <https://www.instagram.com/feminista.indignada/> Acesso: 29 mai. 2023.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 4ª ed. São Paulo: Loyola. 1998.

_____ **História da Sexualidade**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon. 14ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FÚRIA, R. **Por que identidade de gênero é um conceito antifeminista?** In: QG Feminista. Disponível em: <https://medium.com/qg-feminista/por-que-identidade-de-g%C3%AAnero-%C3%A9-um-conceito-antifeminista-606a1891870b> Acesso: 07 mai. 2023.

JEFFREYS. S. **Genders Hurts: a feminist analysis of the politcs of transgenderims**. Reino Unido: Routledge, 2014.

GÊNERO E NÚMERO. **Você já Ouviu Falar em Transfeminismo?**. Brasil, 31 jan. 2023. Instagram: @generonumero. Disponível em: <https://www.instagram.com/generonumero/> Acesso: 30 mai. 2023.

HAILEY KAAS. **Cirurgia da Hailey**. São Paulo, 15 mar. 2023. Instagram: @hailey_kaas. Disponível em: https://www.instagram.com/hailey_kaas/ Acesso: 30 mai. 2023.

LARBAC. **O Feminismo também é um Campo Minado**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/opinion/1447369533_406426.html Acesso em: 25 ago. 2020.

MONSTRUOSAS. **Não Queremos entrar no Cistema. Queremos foder com ele**. Brasil, 28 jun. 2020. Instagram: @xmonstruosasx. Disponível em: <https://www.instagram.com/xmonstruosasx/> Acesso: 29 mai. 2023.

NÚCLEO DE SOCIABILIDADE LIBERTÁRIA (NU-SOL). **Hypomnemata 178 – Direitos, casamentos e igualdades: quem escapa da força?**, julho de 2015. Disponível em: <https://www.nu-sol.org/blog/hypomnemata-178/>

QG FEMINISTA. **Conheça Alguns dos Relatos Recebidos de Perseguições a Feministas Universitárias**. Brasil, 21 abr. 2023. Instagram: @qgfeminista. Disponível em: <https://www.instagram.com/qgfeminista/> Acesso: 29 mai. 2023.

REDETRANSUERJ. **Como a UERJ está se Mobilizando para nos Proteger?**. Rio de Janeiro, 5 abr. 2023. Instagram: @redetransuerj. Disponível em: <https://www.instagram.com/redetransuerj/> Acesso: 29 mai. 2023.

REDETRANSUFF. **Rede Transvestis Uffianas!**. Niterói, 3 out. 2022. Instagram: @rede.trans_uff. Disponível em: https://www.instagram.com/rede.trans_uff/ Acesso: 29 mai. 2023.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. (orgs.). **Depois da Utopia. A História oral em seu tempo**. São Paulo: Letra e Voz, 2013.

SOUZA, M.M. **Corpos Queer: canteiros de obras**. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC-SP, 2016.

TRANSFEMINISMO. **O que é Cissexismo?** Disponível em: <https://transfeminismo.com/trans-umbrella-term/> Acesso em: 25 ago. 2020.

_____. **O Transfeminismo Agora É Centro De Pesquisa Transfeminista**. Disponível em: <https://transfeminismo.com/o-transfeminismo-agora-e-centro-de-pesquisa-transfeminista/> Acesso: 07 mai. 2023.

WDI-Brasil. **Declaração dos Direitos das Mulheres Fundados Sobre o Sexo**. In: Blog WDI-Brasil Disponível em: <https://womensdeclaration.com/documents/5/Portugues.pdf> Acesso: 07 mai. 2023.